

Sexta-feira, 5 de Outubro de 1956

RUBEM BRAGA

ROTINA

O QUE há de melhor durante a noite, meu caro tio, é o Jorge Veiga cantando no Clube 36. Ele canta nos primeiros dias da semana, nos últimos é o grande Caymi; e além disso ainda há Carminha Mascarenhas, que é uma doçura. Contaram-me que com aquela voz fanhosa, diferente de qualquer outra, Jorge Veiga levou anos se metendo em festas e estações de rádio, sem que ninguém lhe desse atenção. Afinal alguém o descobriu; descobriu que entre centenas de papéis-carbonos ele é um artista de verdadeira personalidade, que vale para nós o que vale para Paris um Maurice Chevalier. E se no rádio ou em discos ele é excelente, no bar é ainda melhor, com sua presença altamente carioca.

Mas tirante isso no Rio continuam acontecendo coisas tristes. Como esses índios melancólicos que vieram com suas famílias num trem de segunda classe lá do interior para pedir ao governo que lhe devolva as terras; esses índios que a fotografia mostra amontoados numa porta de delegacia esperando que alguém lhes arranje um lugar para dormir. E as mulheres que mais uma vez se revoltam na Delegacia de Costumes, essas pobres mulheres perdidas que a polícia caça pelas ruas e joga ali, apertadas em um xadrez imundo — enquanto se espera que o Congresso aprove uma lei que abre um crédito para instalar um presidio de emergência em Bangu. O Executivo põe a culpa no Legislativo, as mulheres sofrem, se revoltam, são espancadas uma, duas, três vezes, e tudo que uma autoridade policial pode dizer é que é «um assunto de rotina». Feita rotina para capital de um país; o melhor é ir ver e ouvir Jorge Veiga e não pensar nessas coisas. Até amanhã.